

# O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 18.

SABBADO 4 DE AGOSTO.

1860.

## EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

(Continuado da pag. 138.)

\*

Escuso narrar-vos o mais que durante este dia fatal succedeu a Coriolano; não tenho mesmo animo de seguil-o de perto, durante os seus soffrimentos, quer moraes, quer phisicos, durante o longo espaço em que na prisão teve de curtir amarguras e padecimentos de todo o genero.

Em quanto contemplamos cá por fora, e no regaço dos prazeres um nosso semelhante, quer marche elle pela estrada do dever e dominado por bons instinctos, quer entregue a uma vida treloucada e só dado a devaneios e irregularidades: podemos fazel-o, sinão sempre com satisfação, ao menos não magoado e compungido, como lançando os olhos para o interior desses antros, a que se chamam prisões, onde as mais das vezes a miseria se manifesta em toda a sua horrivel physionomia.

Quero, pois, poupar-vos o dissabor de verdes as horribéis scenas de uma cadeia; e não desejando ver-vos contristados á vista do estado miseravel a que ficou reduzido esse mesmo que vistes no centro dos maiores prazeres e gozos deste mundo; quero tambem poupar-me o dissabor de recordar misérias que não deixariam de me entristecer.

Assim, passarei em silencio todo o periodo dos seus soffrimentos, apenas não vos occultando a intensidade delles; foram excessivos e nem mesmo sei como os pôde vencer e a elles sobreviver.

Coriolano gozou muito, é verdade, porém não soffreu menos depois disso, e até mesmo devo dizer, que os seus padecimentos foram muito alem dos gozos que havia tido.

Mudarei de scena agora; e nella apresentarei uma outra personagem, que posto de vós já conhecida, mas cuja melhor parte da sua vida ainda ignoraes.

O curso que Anacleto seguiu, depois que o abandonamos no principio desta narração, não é menos digno de noticia para que o deixasse eu em silencio. Já o conheceis

até a epocha em que perdendo o pae, ficou como seu irmão, senhor de avultada fortuna; deveis agora saber o que foi feito delle, e o como uzou do seu numeroso cabedal; isto agora, pois, proponho-me contar-vos uma e outra cousa.

Desde bem moço Anacleto sentiu-se impellido para os livros; e cada dia mais amante delles se tornava; cada dia mais ambicionava conquistar a sciencia, e illustrar o seu espirito.

Assim que se viu de posse dos seus bens, e inteiramente entregue ao seu arbitrio, a sua primeira ambição foi de tornar-se um homem de letras; o seu primeiro pensamento, o de procurar avidamente os meios de o conseguir; e os seus primeiros passos, o dirigir-se para a Faculdade de S. Paulo, para ali começar os seus estudos superiores; pois que estava já habilitado nos preparatorios necessarios.

Escuso dizer-vos que Anacleto no fim de cinco annos tinha concluido os estudos de Direito e recebido o gráu desta Faculdade, pois que de jovem tão ambicioso por saber, outra cousa não era de esperar; porém devo accrescentar que foi tal a sua dedicação pelos estudos, tal a sua applicação e desenvolvimento, que não só mereceu sempre dos seus Lentes grande consideração e estima, como a admiração e respeito de todos os seus collegas.

Anacleto não satisfeito com o gráu de bacharel, defendeu theses logo depois, e no meio de unanime approvação e applausos tomou capello.

No dia do seu doutoramento os seus Lentes querendo dar-lhe uma prova do muito que o distinguiam, o honraram com um esplendido banquete, distincção esta assaz rara; como tambem o é a prova de estima e alta consideração que seus collegas lhe manifestaram com o sumptuoso baile que na mesma noite deram, como prova do apreço em que tinham os seus não vulgares merecimentos.

Doutorado, que foi, por esta devidamente acreditada Faculdade, deixa Anacleto esta heroica cidade, não sem deixar saudades.

nem sem levar consigo as mais gratas recordações.

Chegado, que foi a Córte, começou a cultivar com affinco os campos da sciencia, de que já não pequena posse havia adquirido.

Elle comprehendia e comprehendia bem, que das escholas apenas se leva não a sciencia, mas os meios de adquiril-a; não o segredo, mas a chave d'elle; e assim rodeou-se dos melhores autores, leu, estudou, e estudou e leu como quem não deseja apenas entreter-se, mas como quem busca, como quem quer a sabedoria.

Não se limitou Anacleto unicamente ao estudo da jurisprudencia, as suas ambições o levaram muito além desse aliás não estreito circulo.

Tornou-se familiar com as sciencias naturaes, cursou as aulas da Faculdade de Medicina do Rio, em que sempre primou; e iniciou-se nos mysterios de muitos outros conhecimentos humanos.

Como o seu irmão, elle tambem foi viajar por paizes estrangeiros, mas não para ostentar vaidades, mas em busca de mais saber, na diligencia de adquirir mais conhecimentos; não para figurar entre a nobreza estranha, mas para frequentar os grandes mestres de outros paizes; não para comprar elegantes trajas e magnificas carruagens, mas para arranjar uma optima collecção de livros e obras de merecimento.

Voltou Anacleto depois de algum tempo de ausencia aos seus penates; e sempre dado á leitura continuou na sua lida já habitual.

A profundeza dos seus conhecimentos começou de logo a tornar-se patente; e cidadão tão proeminente no saber, não podia deixar de ser chamado para com as suas luzes cooperar no engrandecimento e governo do seu paiz. Depois de ter sido eleito deputado á Assembléa Geral, onde deu as mais exuberantes provas dos seus conhecimentos, e fez sentir a sua elevação de idéas; foi-lhe logo confiada uma das pastas de ministros.

Ministro da Fazenda, elle mostrou tal aptidão, tal energia e um amor tão decidido pelo bem e augmento do paiz, que era considerado como uma poderosa alavanca do progresso da Nação.

Ainda bem moço tinha já Anacleto conquistado muito saber, uma das mais brilhantes posições sociaes, e o que vale mais ainda, uma geral estimação e grande conceito.

Gradual, sinão rapidamente, foi elle sen-

do elevado na carreira social até a mais proeminente posição; e sempre tido como sabio, como probo e como cheio de um verdadeiro amor da patria.

A sua enorme fortuna que a elle ser especulador poderia ter se augmentado a uma cifra prodigiosa, decresceu alguma cousa; pois exercendo tantos cargos dispendiosos, bem que de gratificações não pequenas, e as enormes despezas que fizera em busca da sciencia, a diminuíram um pouco, porém não tanto que elle não ficasse ainda rico.

Assim foi que Anacleto soube tirar bom partido dos bens que herdára; assim foi que elle soube considerar a posição que lhe deixára o Marquez seu pae; e foi assim que elle aproveitou-se do talento e dos outros dons que Deus lhe déra.

Eis o como elle venerou as cinzas dos seus maiores, eis a maneira porque sustentou os seus fóros de nobreza, e a posição de rico.

Elle dizia sempre: que si um plebeu deve illustrar a sua intelligencia para se elevar, o nobre o deve muito mais, para que não decáia da sua posição: que si o pobre deve trabalhar para conquistar, o rico deve ainda mais para não vir a ser conquistado.

O saber, a probidade, o patriotismo e a actividade, estavam como nelle encarnados; e por fim deu elle o mais nobre exemplo de amor fraternal soccorrendo a Coriolano, logo que soube da sua prisão, o que infelizmente só o foi depois de longo tempo, com uma grande quantia, não só para pagar todas as suas dividas, mas para transportal-o para o seu paiz onde depois o collocou convenientemente.

Aqui dou por concluida a minha historia de hoje; e desejando que ella vos agradasse não ambiciono menos que della colhaes as lições que offerecem; e para que mais gravado fique na vossa memoria, qual o verdadeiro, o unico meio de nos tornarmos felizes; aqui repito um pensamento que apezar de não ter nascido de mim, tem sido o meu constante guia, desde que tive a felicidade de o ler.

Eil-o:

« Não ha sinão um caminho que conduz á verdadeira felicidade: o grande caminho da virtude, da probidade, da paciencia e do trabalho. »

C. Y. 13 de Março de 1857.

## Os compositores typographicos.

Conheceis á fundo essa entidade omnipotente e modesta, tirada das ultimas fileiras do povo, e encerrando em suas mãos o destino das letras, das revoluções, da humanidade inteira? Sabeis, com sciencia e consciencia, o que seja um compositor typographico?

Critico supremo dos pensamentos dos outros, tem o poder quasi divino de fazer do branco preto, da luz as trevas, da morte a vida. Com uma caixinha de virgulas e pontos, muda a situação dos Estados, e transporta a Dinamarca ou a Islandia para a America do Sul, e atira o estreito de Magalhães la para onde as avalanches do Kœlen reflectem os descorados raios do sol do Norte. Com outra caixinha de algarismos, leva a visão retrospectiva á um ponto tão extremado, que faz de Napoleão o precursor de Christo, de Cesar um discipulo de Garibaldi, de Colombo o piloto da náu que conduziu os Phenicios em volta da Africa, de Maintenon uma Aspasia, do Rio de Janeiro Sodoma ou Gomorrha. Nada lhe é mais facil: em vez de um nove, põe uma cifra, e no logar de um cinco ahí uns quinientos.

E não pára n'isto. Obriga o author á mentir escandalosamente, afirmando á todo o transe coisa muito diversa da que tinha na mente. N'uma ode republicana de um de nossos poetas, tinha elle escripto este verso:

E' justo o rei que estima a *egualdade*!

e qual não foi seu pasmo e assombro, quando lendo-a impressa, viu assim talvez o mais bello pensamento de sua obra:

E' justo o rei que estima a *qualidade*!

Que conceito ficaria tendo o pobre do vate entre seus correligionarios, depois de louvar um rei que prezava, não a egualdade, não as qualidades, mas a *qualidade*, isto é, o sangue, a posição, a nobreza de seus subditos?

Ha, é verdade, o recurso das erratas; mas porventura as erratas podem jámais escapar ao despotismo do compositor? E depois, as primeiras impressões é que valem, e muitas vezes, e ás mais das vezes, quando chega a errata, coisa que ninguém lê, já o pobre do author está processado, julgado, condemnado e sentenciado na terrivel e assombrosa guilhotina da opinião publica.

Contam que um monge da idade media

tinha consumido uma longa vida de estudos, e vigílias e privações mortaes na composição de uma obra monumental sobre astrologia. Intitulava-se *De Cœlis et Inferis*: tratava do céu e do inferno! Por ahí avaliem. Vai a obra aos typos, volta ao mosteiro, torna á typographia, eu sei que só em correcção e revisão de provas, gastaram-se anno e meio e doze dias contados. Ora, sahiu como era de esperar um primor de impressão. Quando sinão quando o bom do monge vai terminar a derradeira leitura, para rever-se no triumpho de sua pertinacia, e no meio de gosos sempre a mais, desfallece e cahe! Oh horror!

Nas sacramentaes palavras: *Finis coronat opus*, estava o primeiro *i* sem o pingo!!! Recobrando os sentidos, o sabio do *céu e do inferno*, enraivecido, furioso, hydrophobo, levanta uma fogueira no pateo do convento, e consome, n'um abrir e fechar de olhos, a unica manifestação de sua passagem na terra, o unico arrimo de sua velhice, a unica esperanza de sua gloria posthuma. Depois do satânico prazer de ver reduzida á quantidade negativa o ultimo *i* sem o pingo fatal, o macrobio atira-se á fogueira, victima do myopismo, ou do capricho, ou da negligencia, ou do descuido do mais barbaro dos compositores. A terra lhe seja leve, á elle que deu á posteridade o summo gosto de não lèr-lhe a obra!

Querem avaliar da omnipotencia vandallica de um compositor! Supponham uma equação mathematica, d'essas que gastam mezes para serem calculadas. Um *x* em vez de um *y*, é quanto basta para que um circulo nunca possa ser quadrado. Supponde mais que um astronomo afamado manda um cometa apparecer hoje, e o compositor remette-o para d'aqui á quatrocentos annos. Coitado do astronomo! ha de forçosamente escolher entre a ignorancia e a mentira.

Dá-se um despota mais absoluto?

## A enxada de Inreetos

por F. COOPER.

### CARTA XIII.

*O capitão Bligh ao governador da Nova-Galles do Sul.*

Hanarurú (O-Wahu), 26 de dezembro de 1848.

Cumpro um dever penoso participando á V. Ex.<sup>a</sup> o terrivel successo que roubou-nos

dous homens honrados. Havia algum tempo, eu percebia que os Srs. Broughton e Menzies, outr'ora intimos e inseparaveis, tinham rompido, sem que eu pudesse adivinhar a cauza de seu rompimento. Evitavam encontrar-se e trocavam bilhetes por intermedio do piloto Davis. Contou-me este que ao receberem os bilhetes, ambos manifestavam a mais violenta agitação, e que Broughton sobretudo, nos ultimos tempos, vomitava fogo e chamma contra seu velho amigo. Hontem, Davis viu-o carregar as pistolas e sahir precipitadamente de Hanarurú. O piloto veio logo procurar-me, e, ápenas deu-me parte de suas suspeitas, corri para junto do volcão, acompanhado do tenente Collnet e do cirurgião Whidby, parecendo-me a praia que se estende d'esse lado o lugar mais proprio para um combate singular. Não me enganei. Em caminho, ouvimos duas detonações; apressamos o passo, e, chegando, achamos Menzies e Broughton extendidos por terra, banhados em sangue, feridos um na cabeça, outro no peito, sem darem signal de vida. Jaziam á dez passos apenas um do outro, e entre elles o objecto fatal de sua contestação. N'uma boceta tapçada de papel dourado estava deitado, sobre pennas de pombo, um insectozinho de fórma extranha e côres variadas. Reconheceu-o Davis por um piolho, confessando, porém, que, pela estructura dos pés e da parte inferior do corpo, differia consideravelmente de todas as especies até então conhecidas. Na tampa lia-se: «Haimatocara.»

Menzies tinha achado este piolho singular nas costas de um pombo que Broughton tinha matado, e que tinha cahido no matto. Menzies, como tendo descoberto o insecto, queria apresental-o no mundo scientifico com o nome de Haimatocara; porém Broughton pretendia que lhe era devida a honra da descoberta, por ter matado o passaro onde se achou o piolho. D'ahi o duello que deu a morte á ambos os sabios.

Os papeis de Menzies revelaram-me os detalhes d'essa disputa. Menzies affirmava que esse piolho era o typo d'uma especie inteiramente nova; classificava-o entre: *pediculus pubescens*, *thorace trapezoidico*, *habitans in homine*, *Hottentottis*, *Groelandisque escam dilectam præbens*, e *nirmus crassicornis*, *capite ovato-oblongo*, *scutello thorace majore*, *abdomine lineari-lanceolato*, *habitans in anate*, *ansere et ambosrhade*.

Bastam estas indicações para provar á V. Ex.<sup>a</sup> que este piolho é unico em seu genero.

Postoque pouco versado na historia natural, observei attentamente a Haimatocara com o microscopio, e os olhos brillantes, o rico colorido das costas, a graciosa agilidade de seus movimentos, pareceram-me assegurar-lhe incontestavel superioridade sobre todos os séres de sua especie.

Espero as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>. Devo embrulhar o insecto para envia-lo ao museu, ou mandar atiral-o ao mar?

Aguardando-vossa decisão, Davis conserva em seu boné de algodão a Haimatocara, por cuja vida e saúde responsabilisei-o.

Sou, etc.

O CAPITÃO Bligh.

#### CARTA XIV.

*Resposta do governador.*

Port-Jackson, 1.º de Maio de 1849.

Li com a mais profunda dôr, capitão, a relação que me fizeste da morte dos nossos dous naturalistas. Pode ser que o zelo pela sciencia desvaire o homem á ponto de fazer-lhe esquecer o que deve á amizade, á si proprio, á seus semelhantes? Espero que os Srs. Menzies e Broughton tenham sido convenientemente sepultados. Quanto á Haimatocara, em memoria d'aquelles que choramos, lançal-a-heis ao mar com todas as honras do costume.

Sou, etc.

O GOVERNADOR.

#### CARTA XV.

*O capitão Bligh ao governador da Nova-Galles do Sul.*

A bordo da *Descuberta*, 5 de outubro de 1849.

As ordens de V. Ex.<sup>a</sup> á respeito da Haimatocara foram executadas em presença da equipagem em grande uniforme, do rei Teimotú, da rainha Kahumanú e de muitos dignatarios O-Wahuienses. Hontem á tarde, ás seis horas justas, Haimatocara foi tirada do boné de algodão de Davis, pelo tenente de marinha Collnet, e collocada na caixinha que devia servir-lhe de tumulo, depois de ter sido outr'ora sua casa. A caixinha foi atada á uma pedra pezada, e atirada ao mar por mim proprio, ao estrondo de tres salvas de artilharia. Depois a rainha Kahumanú entoou um canto que todos os O-Wahuienses repetiram em côro, e que era terrivel como o exigia a solemnidade. Depois de tres novas salvas, distribuiu-se pelos ma-

rinheiros carne e rum, regalou-se a Teimotú, Kahamanú e sua comitiva com grog e outros refrescos.

A boa da rainha ainda não está consolada da perda de Menzies. Para honrar a memoria d'este caro amigo, ella enterrou em seu corpo um dente de tubarão, e a ferida ainda não está completamente cicatrizada. Davis, o guarda fiel da Haimatocara, pronunciou uma tocante oração funebre, na qual, depois de ter esboçado rapidamente a historia de celeberrimo pioho, estendeu-se sobre as fragilidades das coisas humanas. Os marinheiros os mais endurecidos não puderam reter as lagrymas, e, dando com intervallos um uivo appropriado, Davis provocou, da parte dos O-Wahuienses, uivos analogos, porém muito mais espantosos: o que grandemente realçou a dignidade de tão importante cerimonia.

Sou, etc.

O CAPITÃO Blich.

FIM.

## A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 143)

Era, pois, para o bello rosto de Julia e em seguida para o semblante carregado do Sr. Gonçalves que Henrique fitava os olhos, esquecia ao mais tudo que o cercava.

De repente, como se acordasse despertado por alguma visão que lhe interrompeu o meditar, Henrique deixou o lugar que occupava e seguiu o pai de Julia, que foi tomar parte n'uma mesa de jogo. Seu rosto então se expandio de alegria: aquelle coração batido pelo amor e pelo raio sosegava, e o prazer transluzia-lhe no olhar, no sorriso.

Tal é o imperio do amor. Esta alma de mancebo, avida, ardente esquecerá por um instante de ventura que á sua existencia estava minada pela dôr, que a procella do mundo lhe houvera quebrado e reduzido a pó todos os sonhos e esperanças... E' que um momento de prazer, d'esse prazer que se sente bem no amago do coração, compensa annos de soffrimentos.

Voltando depois para onde estava Julia Henrique offereceu-lhe o braço.

Elles atravessaram como seres singulares,

essa turba cujos sentimentos contrastavam salientemente com os seus.

O que viera fazer Henrique no baile? Acaso não acharia um lugar mais proprio para a explicação que ia ter com sua amante?—Tentara-o mas embalde, poisque o Sr. Gonçalves prevenira essa occasião, e só aqui Henrique esperava se encontrar com ella.

O casamento de Julia sendo ainda ignorado de quasi todas as pessoas que se achavam no baile, e conhecidas as relações, quasi fraternaes, que os ligava, facil foi a Henrique, sem causar reparo, isolar-se da sociedade e poder conversar com Julia sem serem ouvidos.

—Oh! Julia! disse elle com voz repassada de amor e de angustia:—é pois verdade que o nosso sonho se desfez, que as nossas esperanças foram uma a uma se regelando e morrendo como se tocassem no lagado frio de um tumolo?!.. E' pois verdade que tu me fugiste,—que um braço caprichoso e maldito cavou entre nós um abysmo que só poderá ser transposto se eu o encher de oiro... ou de sangue?!.. E' pois verdade que um miseravel mortal ousou se emparelhar com Deus e dizer face a face, ao Creador: Vós não podeis dispor da vossa creatura: o seu destino compete-me a mim que sou seu senhor... E Deus, baixando a fronte omnipotente não fulminou aquelle descrido?!.. E' pois verdade Julia, que em breve vás pensar a fronte sobre o peito de outro homem que não eu?.. De outro homem que por ti não poderá sentir sinão ambição ou sensualidade?.. Sabes tu de quanto é capaz a idéa de ver o ente que amamos ir receber os carinhos de outro?.. Sabes tu o que resta ao homem, cuja unica ligação na terra, é um amor?.. e ver esse amor definir, morrer. .e sentir esse laço quebrar-se-lhe no coração... e ouvir uma voz a bradar-lhe constantemente: Mortal—que mais pretendes do mundo?.. Nada!—responde-lhe o coração moribundo... Nada!—responde-lhe a alma abrindo as asas... Nada!—responde-lhe tudo que o cerca... .

—Oh Henrique!—Deus é testemunha de como eu te amo com todas as forças de minha alma!.. Escuta.—Eu vejo uma escuridão estender-se diante de meus olhos e o coração embalde tenta quebrar as trevas porque está torturado pela dôr... O meu animo quebrou-se d'encontro a adversidade e eu só tenho forças para te dizer: Ordena e eu obdecerei.—Queres que eu me case

com esse homem?—casar-me-hei: queres que eu morra antes do que contrahir esses laços? eu morrerei... Falla, ordena, eu quero obdecer-te. O corpo talvez possa ser curvado pela força, mas a alma essa é tua, sómente tua!...

O mancebo callou-se. Aquelle amor immenso, aquella submissão cega, aquelle implorar de escrava—mas de escrava que voluntariamente se submete, o arrebatou, deu-lhe n'um instante a compensação de tantas horas de soffrimento.

Com tudo quiz experimenta-la:

—Julia, perguntou elle, tu queres fugir comigo?

—Fugirei contigo, Henrique, respondeu ella sem hesitar.

—Assim tu me amas tanto que collocas o teu amor acima dos teus deveres! Tu esqueces a virtude que ordena obdiencia a teu pai? esqueces que a tua fuga lhe irá causar tantas dôres, e quiçá a morte... por que aquelle coração frio a tudo mais ama-te com tudo extraordinariamente?... perguntou elle hesitando, mas não podendo reter um impulso de zelo.

—Oh Henrique!—porque mo perguntas? Quem sobre o tumulo que se abria para receber o cadaver de sua mãe não hesitou em te dar o teu amor, poderá agora trepidar?—Quem um anno inteiro alimentou esse amor com lagrymas e alegrias, com esperanças e duvidas: quem já se a fez desde a infancia a considera-lo como parte essencial da propria vida,—parte nobre e sublime,—poderá agora hesitar no ultimo passo que lhe pode dar a posse plena desse affecto, desse amor acrysolado pelo soffrimento d'uma esperança que morreu, d'um sonho que mentiu, d'um futuro, em fim, que se nublou?...

Mas—porque essa ironia veio fazer-te sorrir os labios quando teu coração chora e geme? Acaso a desesperança levou-te de vencida a tal ponto que duvidasses de mim?... Ingrato—pensava que o meu amor era para ti um ponto de fé... Por ventura crês que algum interesse me liga a esse homem? não: elle me é inteiramente indifferente.

—Então tu o odás, Julia?...

—Não, Henrique: para odia-lo era preciso que pensasse nelle e eu só penso em ti.

—Obrigado, Julia, e teu sacrificio é sublime, mas é de natureza tal que um mortal commetteria um crime se o exigisse para si.

—Então consentes que eu me case, Henrique?..

—Casar-te!.. Oh meu Deus!.. Avistar lá no seu passado a imagem d'um anjo, ama-lo, esquece-lo por instante porque a alma se precipitou n'um tremedal, avistar de novo esse anjo que a foi salvar e perde-lo outra vez e para sempre?!... Oh por que não me deixastes antes morrer na embriaguez dos vicios, no lódo da infamia desapparecer como um impio?.. Porque reverdeceste minbas esperanças e antes de bem maduras o vento do desespero veio de novo desseca-las?.. Querias me erguer tão alto para que a queda fosse maior?.. Meu Deus! meu Deus!—por ventura a causa do injusto é a que deve triumphar?

—Henrique, porque blasphemares? disse Julia assustada daquella exaltação.—Já te não disse que eu estava prompta a obdecer-te, que executaria cegamente as tuas vontades?—porque este amor cegou-me, paralysoou-me as forças, dominou-me, e eu estou prompta a sacrificar tudo por ti?—Falla, Henrique, ordena.

—Adeus Julia, a dança findou, e aquelle cavalheiro que se aproxima provavelmente vem te buscar para fallar-te banalidades. Vai—enviar-te-hei por escripto a minha resolução definitiva.

Henrique retirou-se d'aquella casa de prazeres ligeiros de banalidades, de hypocrisias.

Seu cerebro ardia. A lucta do dever e da paixão tocara á meta: qual delles succumbirá? O crime e a virtude surgiram valentes d'um mesmo sentimento: qual delles vencerá?

Aquella musica suave, aquelle sussurrar de tantas vozes animadas, aquella submissão cega de sua amante, cuja existencia lhe veio cair aos pés, a febre que se apoderára delle após tantas noites de insomnia—tudo isso o fazia desvairar. Elle chegara ao ponto terrivel, medonho da existencia em que uma circumstancia qualquer poderia vir lhe circumdar a fronte com a corôa luminosa do martyr, ou imprimir-lhe o ferrete do crime.

Dois caminhos tem Henrique a trilhar: abnegar o seu amor, ou fruil-o roubando-o. Quanto ao primeiro nem elle o pensára: abnegal-o era talvez morrer, e elle queria viver porque amava.

Quanto ao outro, a idéa d'um segundo rapto o amedrontava.

Porisso elle hesitava. Suppondo agora que um incidente, uma circumstancia lhe

venha trazer ao animo o desejo de vingar-se: ainda hesitará elle? E então qual dos dois caminhos seguirá elle?

Caminhou pelas ruas sem tino, sem fim prefixo, mas o instincto da paixão incumbiu-se de levá-lo ao seu fadário.

Após algumas horas de divagação pelas ruas, Henrique acordou-se da lethargia em que jazia e vio que estava na ponte de... caminho da chacara do Sr. Conçalves...

A noite se transtornára, o vento soprava rijo e as nuvens correndo se condensavam no céu escuro. Os trovões commecaram a roncar na abobada celeste onde as estrellas desmaiavam aos poucos a medida que a tempestade se formava.

O coração de Henrique sympathisava com esta noite, com a lucta que começavam de travar os elementos, porque elementos igualmente hostis encontravam-se e luctavam no seu espirito. Por isso seus olhos se fitaram na tempestade e elle sorriu... Dirieis que elle sorria aquella vingança de Deus.

Derepente pareceu-lhe ouvir um som longinquo, surdo similhante ao rodar de uma carroagem. Então um temor convulsivo agitou-lhe os nervos e fel-o parar em meio da ponte.

A carroagem se aproximava rapidamente.

Henrique ia ver passar, talvez sem saber que elle alli estava, a mulher que era o arbitro da sua vida.

A carroagem chegou a entrada da ponte, mas os cavallos, topando com aquelle vulto negro, entrepararam bufando.

—Arreda! gritou o postilhão, ou dou-te com o chicote.

Ouvio-se um estalo de chicote e a carroagem passou além...

—Oh! rugio Henrique, Francisco Gonçalves, potentado, tu insultaste o pobre... mas o pobre póde vingar-se, deshonrar-te, humilhar essa fronte orgulhosa, atirar-te lódo ás cans!... Vingança, quero vingar-me!...

—Vingar-te-has, mancebo!—disse uma voz cheia, pausada, lugubre que parecia surgir da terra, ou fallar no ronco do trovão que naquelle instante retumbava fortemente no espaço.

—Quem é que responde ao grito de vingança? perguntou Henrique admirado, e voltando-se para o lado d'onde partira a voz.

—Eu! lhe respondeu um vulto se aproximando e olhando-o para á face.

—Tu! e quem és tu velho, que parece seguir-me por toda a parte? quem és tu velho, que no dia do desespero vens com voz satânica prometter-me vingança?

—Silencio mancebo!—Ainda não é tempo de me interrogares.—Sou o teu genio, bom ou máo ainda não é chegada a hora de t'o dizer. Sabe por enquanto que fui eu quem revelou teus amores, que fui eu quem te avisou do casamento que se contracta para a tua amante. Escolhe agora: queres o amor ou queres a vingança?

—Oh, o amor!... eu amo-a tanto!... respondeu Henrique dominado pela voz firme e convencida do velho.

—Queres o amor, e queres a vingança? esqueces o insulto ao rico e teu orgulho não se revella? Então porque bradaste vingança si teu animo era fraco, si teu grito ia se perder no amor d'uma mulher?

A tempestade se rompêra, a chuva começava a cair. Os relampagos se reflectiam nos olhos do velho que sorria vendo a exaltação de Henrique.

—Queres então o amor? tel-o-has: beberás té o fundo a taça do amor daquella virgem...

—Sim! respondeu Henrique, como se fallasse a si mesmo: eu quero amal-a, eu amo-a tanto!...

—Terás também vingança, e tão completa quanto será o teu amor.

—Ainda uma vez velho, interrompeu Henrique—quem és tu que vens te collocar no meu caminho, e te incumbires de dar-me aquillo que o proprio céu parece recusar-me?

—Vai, mancebo. A chuva engrossa, a tempestade cresce, vai repousar, que de grande reponso precisas, para o que se prepara... Amanhã te irei procurar á meia noite menos um quarto. Antes disso não dês um só passo, se devéras queres a tua amante.

Henrique deixou o velho, dirigio-se a sua morada.

—Oh, Elisa!... Oh minha Elisa!... o momento da vingança se aproxima... tu te far-tarás de vingança!... exclamou o velho beijando um craneo e apertando-o depois ao coração.

A tempestade se rompêra de todo, a chuva caia a cantaros, e o trovão roncava mais fortemente no espaço.

Era solemne e medonho aquelle pacto que fazia nas trevas um moço louco de paixão com um velho desconhecido, que surgiu de repente como para decidir do seu destino.

Aquella hora morta, aquelle combate dos elementos fazia sinistro e de mau agouro este pacto concluido nas trevas.

(Continúa.)

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

*(Continuado da pag. 144.)*

MAR.—Porquê?... porque te atraíçoei?—  
Ouve: eu era uma menina pobre e sem nome—tu me fizeste rica e me encheste de honras!... eu era uma menina orgulhosa e altiva—tu offereceste-me tudo que podia lisongear o orgulho de uma mulher!... amava-te! eu que nunca esperei que descesses até a mim—tu ergueste-me até a tua altura!... Glorias, riquezas, tudo, tudo me deste, com o amor o mais puro, com o coração o mais nobre e o mais terno, com esse coração que é o meu unico bem, o meu thesouro, a minha vida! Embalde tentas disputar-me a sua posse... As lagrymas que tens derramado—essas lagrymas, que são a minha derradeira consolação na dôr que me afflige, attestam que ainda me pertences! Sim, Fernando, tu ainda és men!

FERN.—Maria!

MAR.—Perguntas porque te atraíçoei?... Ah! entreguei-me nos braços do primeiro seductor que me appareceu: acompanhei-o, porque elle quiz que eu fosse sua: não achas tão natural o meu procedimento? Dize-me, Fernando, *(trava-lhe da mão)* não serias capaz de atraíçoar-me tambem pela primeira adultera que te apparecesse? por uma dessas mulheres que são recolhidas á esta casa, onde me encarceraste e onde devêra morrer de vergonha, si não tivesse de succumbir á perda da tua estima e do teu amor?..

FERN.—Cala-te, Maria! cala-te!—queres que enlouqueça?—eu, que acredito no teu erro, no teu crime, porque fui testemunha delle! mas que não posso deixar de amar-te loucamente, porque sou um miseravel, um cobarde!...

MAR.—*(Atalhando-o)*. Não blasphemes assim, Fernando!

FERN.—Porque vejo em cada um dos teus padecimentos um supplicio para mim! em cada uma das tuas lagrymas uma lava que me queima o coração!. Ah! sou muito desgraçado! Quando estou longe de ti, quando não te vejo, lembro-me do passado e accuso-te; quando te encontro, esqueço tudo e quero perdoar-te! Ouve, Maria: queres sahir desta casa, desta habitação de crimes? queres que partamos junctos?..

MAR.—Junctos?!

FERN.—Queres ir commigo para longe, para muito longe d'aquí? onde ninguem nos

conheça?... Que exprobração poderás temer ali? Juro que nem a mais leve queixa ouvirás dos meus labios! que no meu coração suffocarei todas as dôres que me tens feito soffrer! Terei para ti a mesma ternura, o mesmo amor, Maria! Desde já te perdoo!—ouves? perdoo-te tudo!

MAR.—*(Depois de alguma pausa, com resolução)*. Não! não quero o teu perdão! prefiro morrer aquí!

FERN.—Morrer!

MAR.—Sim! quero morrer aqui, eu tornar a entrar na minha casa com a fronte alta, cercada da estima e do respeito que me são devidos.

FERN.—Mas isso é impossivel!

MAR.—Oh! não é por orgulho, não é por mim que o exijo! é por ti mesmo! por teu repouso! para a tua felicidade!..

FERN.—Para a minha felicidade?... e haverá para mim felicidade na terra?... Pela ultima vez, Maria...

MAR.—Pela ultima vez, repito-o, quero tornar a entrar em minha casa ou morrer aquí!

FERN.—Desgraçada!

## SCENA 11.ª

*Os mesmos, Simões e Graça.*

GRA.—*(Entrando apressadamente)*. Ah! vem vossos inimigos: não! enganei-me: vossos parentes.

SIM.—E creio que vem buscar-vos. *(A Fernando)*. O carro já está á espera.

FERN.—Tão cêdo!...

MAR.—*(Allucinada)*. Levá-lo! não tornar a vê-lo! *(Com exaltação)*. Fernando! perante Deus que me ouve, juro-te que não sou criminosa e que te amo! que te amei sempre!

FERN.—Meu Deus! a sua exaltação, o som da sua voz, tudo me faz crer que ella não é criminosa! *(Aproxima-se de Maria, toma-lhe a mão e olha para elle fixamente)*. Sim, Maria, eu parto e—adeus!

MAR.—Pois bem, parte! mas leva o meu amor, leva commigo o meu perdão!

FERN.—Perdoas-me, Maria?—e perdoar-me-has tambem a morte de D. Francisco de Menezes?..

MAR.—*(Com a maior placidez e socego)*. A morte de D. Francisco?

*(Continúa.)*